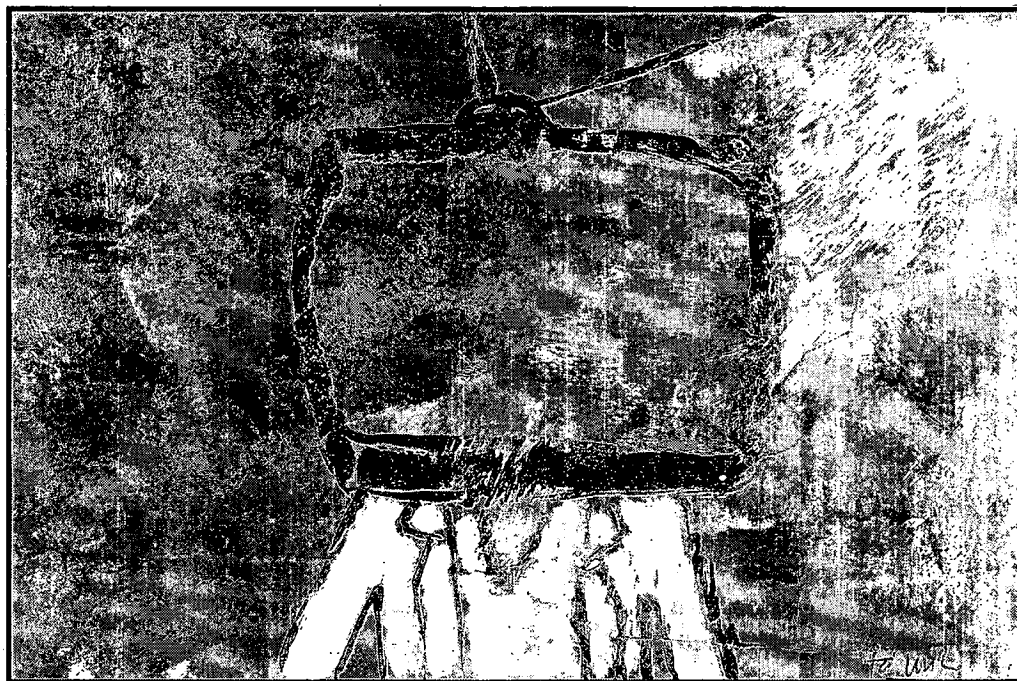




Evolução da TV Escola



Sim, os professores brasileiros já descobriram o que fazer com todos aqueles botões. Com a realização de um seminário internacional em Brasília, dias atrás, o governo federal celebrou os dois anos da TV Escola, seu ambicioso projeto de teleducção, que tem por objetivo aprimorar a formação dos mestres do ensino básico, através do uso intensivo da linguagem audiovisual. Nesse período, "kits tecnológicos" compostos de videocassete, televisor e antena parabólica foram distribuídos à quase totalidade das 150 mil escolas do país e os professores estimulados a utilizá-los regularmente, gravando os programas que são distribuídos via satélite de segunda a sexta-feira, em quatro períodos, entre 8 e 20 horas. Contrariando expectativas pessimistas, eles estão aprendendo cada vez mais a extrair conhecimentos desse novo instrumento didático.

Os resultados obtidos pelo projeto no biênio 1997-1998 foram sintetizados num estudo de Sônia Miriam Draibe, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp. Por solicitação do Ministério da Educação e do Desporto, que mantém convênio com o NEPP, o centro de pesquisas foi convocado a analisar a o que ocorreu na fase de implantação da TV Escola. Para tanto, aplicou dois "surveys" nacionais, ouvindo diretores de escolas, delegados de ensino, técnicos de educação, professores, alunos, pais e autoridades da área. E o cômputo dos dados é bastante encorajador, revelando que não só o programa está se institucionalizando rapidamente, adequando-se às estruturas e rotinas pedagógicas, como vai cumprindo a finalidade para a qual foi criado.

A TV Escola está presente hoje

em quase 2/3 das escolas públicas brasileiras, atingindo cerca de 73% dos alunos (21,9 milhões) e 70% dos docentes (840 mil) do ensino fundamental. Em 1997, 3 entre 4 escolas urbanas com mais de 100 alunos tinham recebido o kit e, onde ele já estava em funcionamento, pouco menos de 2/3 gravavam os programas exibidos. Em 1998, a cobertura do kit atingiu 90% das escolas, elevando-se em 4% o número de escolas que gravavam programas. O crescimento maior aconteceu nas escolas do Nordeste (23%), sobretudo nas municipais (25%), seguidas das escolas do Norte (20%). "A cobertura cresceu, portanto, mais nas regiões que apresentavam as menores taxas de cobertura no ano anterior, indicando êxito das estratégias de implementação que trataram de melhorar a equidade do programa", observa Sônia Draibe.

Do primeiro para o segundo ano da TV Escola, as escolas que mantêm o kit tecnológico funcionando saltaram de 83% para 92%. As que realizam gravações regulares subiram de 61% para 64%. E as que formaram videotecas, possuindo mais de cem programas em acervo, ampliaram-se de 37% para 39%. Ainda se notam desigualdades regionais entre grupos de escolas, em detrimento daquelas situadas em regiões mais pobres. E também desigualda-

des entre escolas estaduais e municipais, com vantagem das segundas. "Mas as melhoras verificadas entre 1997 e 1998 tenderam a reduzir essas diferenças, reforçando os impactos redistributivos da TV Escola."

Outros dados significativos dizem respeito a quem usa o programa e como. Ele foi concebido prioritariamente para a capacitação docente, mas ainda é mais utilizado com os alunos, como instrumental didático (68% contra 61%, em 1998). De qualquer forma, cresceu proporcionalmente mais a utilização com docentes. Entre 30% e 40% das escolas indicam uso semanal dos programas gravados. E, "embora as escolas de regiões mais desenvolvidas sejam as

que mais assinalam o uso da TV Escola com docentes e com alunos, é nas regiões mais carentes que esse uso se faz de modo mais intenso (uso semanal)", assegura a pesquisadora. Ainda segundo o seu estudo, em 11% das escolas do país todos os professores utilizam os programas com os alunos. Em 28%, a metade ou mais dos professores o faz. E em 17% nenhum professor os utiliza.

A pesquisa do NEPP aponta também que, do ponto de vista da satisfação com o material transmitido pela TV Escola, subiu, de 73% para 77% a aprovação dos usuários para a adequação dos programas ao conteúdo escolar. A aprovação igualmente subiu de 60% para 65%,

quanto a adequação ao currículo. E elevaram-se de 64% para 69% os que crêem na eficácia do projeto para a capacitação de professores. Finalmente, entre as principais dificuldades enfrentadas pelos usuários da TV Escola, caiu de 55% para 48% o argumento de falta de funcionários disponíveis para operar o sistema, caíram de 37% para 35% as alegações de falta de tempo para utilizá-lo e reduziram-se à metade, de 18% para 9%, os que afirmam não saber gravar a programação.

Destá alentada sopa de números e do caldo grosso de interpretações que é possível extrair dela, merece um exame mais detido este último indicador, a

queda acentuada dos docentes e profissionais do ensino que não sabem utilizar a parafernália posta à sua disposição. Desde o início do projeto, foram intensas as críticas de que o governo estaria jogando dinheiro fora com a TV Escola, ao colocar equipamentos eletrônicos de operação razoavelmente complexa nas mãos de gente que mal sabe utilizar o giz e a lousa, embora agregada ao sistema nacional de ensino. A resposta está aí, clara e indiscutível: menos de 10% dos profissionais de ensino declararam-se incapacitados de transpor a barreira dos inúmeros botões e comandos do maquinário.

O dado é relevante porque a TV Escola constitui-se numa experiên-

cia radical de interatividade com a televisão. Não se pede dos usuários que simplesmente peguem um telefone e disquem para votar no filme de amanhã, ou na pesquisa do "Fantástico". Pede-se que eles desenvolvam hábitos regulares e disciplinados de audiência, que selecionem e gravem o material veiculado via satélite, e que organizem os conteúdos em videotecas, de forma a utilizá-los tanto em sua atualização como diretamente na aprendizagem de seus alunos. Isso envolve uma mudança completa do comportamento de consumo da TV, que está solidamente arraigado na idéia do entretenimento. Os telespectadores, na sua esmagadora maioria, ligam o televisor apenas para relaxar e no máximo usam o seletor de canais para mudar de um show a um filme, ou de um jogo de futebol a uma telenovela. São poucos os que sintonizam a TV para informar-se, e raríssimos os que o fazem em busca de educação.

Os resultados da TV Escola demonstram, por um lado, que é possível sonhar com telespectadores muito mais ativos que os atuais, capazes de efetivamente interagir com os conteúdos que recebem do vídeo. E, por outro, sepultam a surrada tese de que a televisão nada tem de útil a oferecer às pessoas. Seja na TV Escola, nos canais pagos ou nas redes abertas, há uma infinidade de bons programas, carregados de bons conteúdos, à disposição do público. Cabe a ele apenas dispor-se a aproveitá-los para a sua própria educação, disciplinando seus hábitos de audiência e assistindo a programas consistentes, refletindo sobre a matéria que eles veiculam. Como ensinam as professorinhas dos rincões perdidos da Pátria, verdadeiras mestras na potencialização educativa da televisão. ■